

MÍDIA E EDUCAÇÃO: PROPOSTA PEDAGÓGICA COM O USO DO VÍDEO COMO RECURSO DIDÁTICO

Adriana Mesquita da Silva

Resumo: Este projeto Interventivo foi desenvolvido com base no uso do vídeo como recurso didático e aplicado na educação profissional do curso técnico integrado em artesanato modalidade Proeja. Buscou-se investigar sobre o uso de vídeos como meio de recurso didático, de modo a verificar se a forma como tal recurso é utilizada contribui para a aprendizagem significativa. O vídeo é um recurso que pode ser manipulado com facilidade para se atingirem objetivos específicos, já que explora a aprendizagem de forma cinestésica. Objetiva-se demonstrar que o vídeo pode ser um bom recurso pedagógico quando explorado como um recurso didático em suas várias possibilidades e linguagens. Tal recurso pode apoiar o processo de ensino e aprendizagem na educação profissional. A metodologia foi trabalhada com multimeios, em especial o uso de vídeos como recurso pedagógico, no apoio ao professor, para a construção da aprendizagem e da interação dos alunos, em um total de 4 h/a. Concluiu-se que a aplicação do recurso pode auxiliar as atividades do professor proporcionando agilidade e eficiência na execução das atividades propostas. O vídeo está cada vez mais inserido em sala de aula, o que chama a atenção dos alunos, mas é importante destacar que o vídeo deve ser selecionado com muita cautela e precisa ter relação com o conteúdo trabalhado em sala de aula. O principal resultado da regência foi a discussão em sala de aula, em que os alunos afirmaram que o uso do vídeo como material didático foi de grande valia para compreender melhor o conteúdo estudado.

Palavras-chaves: Vídeo. Recurso didático. Mídia e educação. Ensino aprendizagem.

Introdução

As inovações tecnológicas marcam a nossa sociedade trazendo grande influência ao comportamento humano em vários contextos, incluindo o educacional. Partindo do pressuposto de que as tecnologias podem apoiar os processos de ensino e aprendizagem, a escola passa a ter a responsabilidade de abrir espaços para a reflexão acerca de como os recursos tecnológicos podem ajudar na construção da aprendizagem. Nesta mesma perspectiva, estão as considerações de Levy (1999), quando ele afirma que a sociedade precisa se adaptar a uma cultura dependente da tecnologia; e de Castells (1999), quando este considera que essa mesma sociedade, apoiada por recursos tecnológicos, tende a viver em redes de aprendizagem.

Mesmo considerando estas ideias, observa-se que a tecnologia não determina a sociedade. É a sociedade, segundo Castells (2005, p.17), que “dá forma à tecnologia de acordo com as suas necessidades, valores e interesses das pessoas que utilizam as tecnologias”. Nessa perspectiva, o autor afirma que “a tecnologia é uma condição necessária, mas não suficiente para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes” (ibidem, p. 17). Nesse sentido, Lévy (2000, p. 157) aponta que “qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura deve ser fundada em uma análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber”. A partir desse

pensamento, observa-se que para compreender as novas relações com o saber é preciso estar atento às rápidas transformações que estão acontecendo no mundo. A tecnologia, como recurso pedagógico, pode viabilizar o trabalho de diferentes formas, explorando as diversas maneiras de aprender, ou seja, os diferentes estilos de aprendizagem.

De forma abrangente, pode-se dizer que as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são conjuntos de recursos tecnológicos utilizados de forma integrada com um objetivo em comum. A área educacional pode ser considerada uma das mais favorecida pela integração das TIC, desde que o professor esteja preparado para realizar tal integração.

Pode-se falar dos benefícios das TIC, se elas forem usadas para uma aprendizagem significativa cujo sentido equivale a aprendizagem desenvolvida a partir da reflexão, como prática no e do cotidiano, fugindo dos parâmetros de simples repetição e memorização, de acordo com Ausubel (1973). A aprendizagem, nesse sentido, não pode ser compreendida apenas como a transmissão do saber. Existem vários recursos tecnológicos que podem ser usados como suporte processo de ensino e aprendizagem. Sobre isso, é possível citar os Ambientes Virtuais de Aprendizagem, chats, serviços mensageiros, aplicativos de escritório, editores de texto, fóruns, wikis, podcasts e vídeos. É sobre o vídeo que este estudo se desenvolve. O vídeo é considerado uma TIC pois pode ser divulgado por meio de televisão ou internet; é capaz de promover uma maior diversidade de construção de aprendizagem se o uso de suas ferramentas tecnológicas tiverem boas orientações por parte dos professores, portanto é preciso criar estratégias que possibilitem sua integração à educação evitando o deslumbramento ou o uso indiscriminado da tecnologia por si e em si.

Muito se tem falado e questionado sobre as vantagens e desvantagens do uso das TIC em sala de aula, apesar de ainda encontrar profissionais com dificuldades de se adaptarem ou adquirirem competências necessárias para poder utilizar, como auxílio, nas mais diversas aplicações, ou ainda de se encontrar, no âmbito do ensino, profissionais que as usam como recurso para a simples transmissão do conhecimento, ou para o entretenimento dos docentes ou para cobrir faltas de professores. Selwyn (2008), por exemplo, demonstrou a preocupação com a educação e com as novas tecnologias, no sentido de apontar a importância da reflexão sobre o seu uso nos espaços educacionais. Para o autor, “existe uma necessidade premente de reconhecer os aspectos equivocados, insatisfatórios e corriqueiros das novas tecnologias junto com as suas características extraordinárias, muito mais louvadas” (Selwyn, 2008, p. 829). Trata-se, portanto, de uma questão de letramento digital, de acordo com Rojo (2012), que se refere à prática da leitura e da escrita na vida social a partir das mídias digitais. Não basta propor o uso da tecnologia. É preciso instrumentalizar, formar e dar condições de uso das tecnologias a partir das exigências sociais em que o estudante vive.

Para que o uso das TIC nos espaços escolares seja viabilizado, é preciso planejamento e objetivo bem definidos, para que elas possam representar, de fato, recursos didáticos. Ainda há muito que se avançar nesse sentido, pois, além da necessidade de formação para o letramento digital, ainda há dificuldades em se manter recursos tecnológicos em todos os ambientes de uma escola. Há de se pensar, inclusive, sobre condições de acesso, possibilidades de aquisição e uso, entre outros aspectos.

Segundo Kalinke (1999, p. 15),

os avanços tecnológicos estão sendo utilizados praticamente por todos os ramos do conhecimento. As descobertas são extremamente rápidas e estão a nossa disposição com uma velocidade nunca antes imaginada. A internet, os canais de televisão a cabo e aberta, os recursos de multimídia estão presentes e disponíveis na sociedade. Estamos sempre a um passo de qualquer novidade. Em contrapartida, a realidade mundial faz com que nossos alunos estejam cada vez mais informados, atualizados, e participantes deste mundo globalizado.

Está a um passo de uma novidade tecnológica se revela bastante relativo, quando se trata prática do docente, que muitas vezes não tem condições, por inúmeras variáveis, de acompanhar os avanços tecnológicos. Muitos profissionais da área da educação ainda não se veem preparados para desenvolver estratégias a partir de metodologias mais interacionistas, inclusive a partir do uso dos recursos tecnológicos. As escolas, para acompanhar as mudanças de outras esferas e de outras instituições, precisam se aprimorar tanto na utilização quanto na orientação desses recursos. Como afirma Kalinke (1999, p. 15), são avanços significativos que estão presentes no nosso cotidiano e como as informações chegam até os alunos de uma maneira mais rápida, o professor deve estar sempre ativo quanto a essa forma de organização do conhecimento modernos. Nesse sentido, vale ressaltar o vídeo enquanto tecnologia que pode colaborar para o desenvolvimento da aprendizagem significativa, uma vez que explora muitas linguagens. Além do que, ao se explorar o vídeo, tanto a leitura quanto a escrita podem ser desenvolvidas de forma prática no cotidiano dos estudantes como consequência da leitura e da interpretação dos textos veiculados pela mídia – vídeo.

Diante do uso que se faz da tecnologia na vida cotidiana, que possibilita a circulação de informações de uma forma mais rápida e interativa, questiona-se por que ainda se faz uso inadequado desse recurso em sala de aula. Partindo dessa pergunta, realiza-se uma proposta para demonstrar que o vídeo pode ser um recurso eficiente na construção do conhecimento e na formação do estudante.

A tecnologia traz uma grande interação na busca do conhecimento que passa a cooperar, a participar e a promover a autonomia e a responsabilidade do aluno quanto à construção do processo ensino e aprendizagem. Utilizar o vídeo em sala de aula faz com que haja uma aproximação da aula com a rotina do aluno, com as linguagens de aprendizagem, também inserem novas questões no processo educacional. O vídeo está interligado à televisão e a um contexto de lazer e entretenimento, que passa para a sala de aula, imperceptivelmente. Moran (2007) afirma que “estamos deslumbrados com o computador e a internet na escola e vamos deixando de lado a televisão e o vídeo, com se já estivessem ultrapassados, não fossem mais tão importantes ou como se já dominássemos suas linguagens e sua utilização na educação”. Na concepção dos alunos, vídeo significa descanso e não "aula", o que modifica as perspectivas em relação ao seu uso.

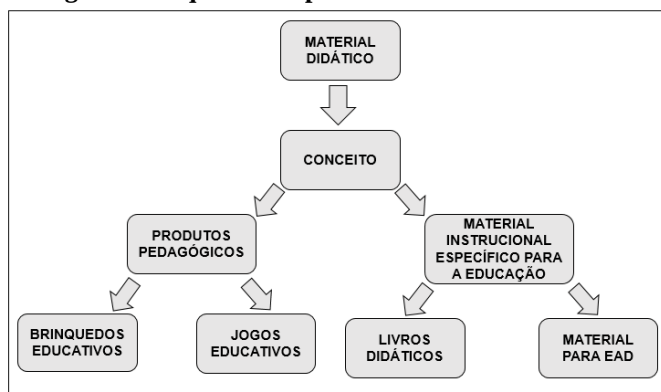
Moran (1991, p.21) considera que os meios de comunicação exercem poderosa influência em nossa cultura, desempenhando um importante papel educativo, transformando-se, na prática, numa segunda escola, paralela à convencional. O vídeo conduz para a sala de aula o mundo externo, a rotina, as imagens e sons de realidades próximas e afastadas, a invenção e a imaginação. Ele tem uma linguagem diferente da linguagem dos livros, as estratégias pedagógicas devem ser pensadas considerando essa distinção. O vídeo não substitui outro recurso, ele se soma a outros recursos e se integram a eles. Compete à escola e ao professor assumirem uma postura de buscar, testar, e, além disso pensar sobre este método e convertê-lo em conteúdo de ensino. O vídeo pode ser utilizado como relevante recurso didático em função do tipo de conteúdo mediado em sala de aula. Entretanto, se seu uso não for planejado, com propósito bem definido e significativo para os estudantes, pode haver prejuízos para a aula, pois os estudantes podem, inclusive, dispersar-se e não se interessar pelo recurso. Assim, o objetivo maior deste estudo foi demonstrar que o vídeo pode ser considerado um diferente e bom recurso pedagógico para o processo de ensino-aprendizagem.

Material didático e recursos instrucionais

Diante de um novo cenário educacional, muitos educadores visam a novas metodologias de ensino que possam agregar à sua prática pedagógica e possam levar ao aluno uma gama maior de conhecimentos. Além disso busca-se a qualidade do ensino. Assim, observa-se que os recursos áudio visuais têm lugar de realce dentro dessa nova realidade do cenário educacional. As mídias cercam o cotidiano das pessoas e oportunizam às escolas uma nova possibilidade de se realizar o processo de ensino-aprendizagem. Porque são mais interacionais, as mídias, no âmbito do ensino, também exigem, no seu uso, enquanto recurso didático, práticas mais interativas entre aluno e professor e entre os próprios alunos. O vídeo, enquanto mídia e enquanto recurso pedagógico, pode enriquecer o trabalho docente, aproximá-lo do discente e ainda pode promover a integração dos estudantes a partir de valores importantes na formação do ser humano, por exemplo, o respeito e a solidariedade.

Material didático é todo o material que serve de apoio/recurso para o processo de ensino e aprendizagem. O êxito no uso do material dependerá da institucionalidade e articulação com a prática pedagógica. Bandeira propõe um esquema a partir do qual exemplifica alguns tipos de materiais didáticos (Bandeira, 2009, p.13).

Figura 1: Esquema simplificado de material didático



Fonte: Bandeira (2009).

Considerando este esquema, observa-se que o vídeo pode se enquadrar tanto no material didático quanto no recurso instrucional a depender da sua função: se divertir, de orientar, se informar, se qualificar, se despertar a curiosidade; ou ainda se um meio para que se possa adquirir conhecimento.

O historiador francês Chartier (2002, p. 61-62) defende a condição de que a definição de material didático tem que estar vinculada ao tipo de suporte que possibilita materializar o conteúdo. Ele afirma que o texto não existe fora dos suportes materiais que permitem sua leitura (ou sua visão) e nem fora da oportunidade na qual pode ser lido (ou sua audição). Nesse sentido, observa-se que o vídeo é um suporte a partir do qual se veicula algum tipo de conteúdo, ou seja, ele é um material didático, que pode ser utilizado como um recurso no processo de aprendizagem.

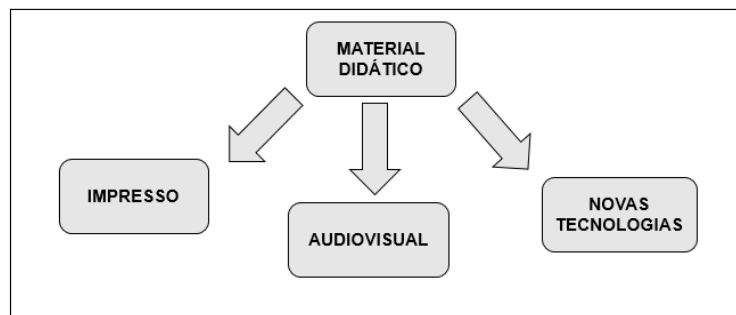


Figura 2: Tipos de materiais didáticos
Fonte: Bandeira (2009).

Conforme a Figura 2, a classificação apresentada foi baseada no tipo de suporte e na mídia escolhida para a produção do material didático, que se divide em impresso, audiovisual e novas tecnologias (computadores e internet). Nessa mesma perspectiva estão os recursos instrucionais que são todos os recursos que podem ser utilizados para garantir um eficiente processo de ensino e aprendizagem. São instrumentos utilizados para despertar o interesse, a motivação e dar suporte ao profissional de treinamento.

Considerando a Figura 2, dentro do quadro de “novas tecnologias”, pode-se acrescentar ainda o vídeo, a internet, os fóruns, os aplicativos, blogs, entre outros recursos que podem ser considerados materiais didáticos. O que está sendo proposto neste trabalho, é analisar o vídeo que está inserido dentro de novas tecnologias como recurso didático. O vídeo é uma tecnologia facilitadora da aprendizagem, pois é um recurso que explora várias habilidades concomitantemente: a verbal, a visual, a sonora e a imagem.

De acordo com Libâneo (1994, p. 263), os recursos instrucionais são os meios e/ou materiais que auxiliam o docente na organização e condução do processo ensino e aprendizagem. O vídeo se enquadra no conceito de recursos instrucionais assim porque pode ser um facilitador da aprendizagem, possibilitando intervenções, discussões e meios para trabalhar conteúdos e também a formação da consciência crítica do aluno.

Observa-se que o vídeo é rico instrumento de trabalho didático, sobretudo porque ele explora a linguagem verbal, a visual, a simbólica, uma vez que veicula muito mais que imagens, agrega junto a elas fatos que falam por si. Essa riqueza contida num vídeo está relacionada ao seu formato multimodal, porque, na sua composição, exploram-se várias linguagens.

Multimodalidade

Devido ao grande progresso tecnológico nas últimas décadas, a linguagem multimodal vem crescendo muito no contexto educacional, a partir desse crescimento surgiram novas mídias e novas tecnologias. É indiscutível a importância das mídias e da tecnologia na vida das pessoas, através delas se modificam os ambientes de trabalho, a educação, as formas de se comunicar e pensar.

Vale lembrar que o termo “multimodalidade” origina-se do termo, em inglês, “*multimodality*” e é aplicado em vários contextos como: textos multimodais, linguagem multimodal, discurso multimodal, ambiente de aprendizagem multimodal, comunicação multimodal.

Kress e van Leeuwen (2001) destacam que palavra e imagem não correspondem à mesma maneira de se falar sobre o mesmo assunto. Contudo, palavra e imagem juntas têm um

significado mais amplo. Imagem e palavra se completam, se opõem, interagem com o objetivo de significar mais. Considerando cada modo semiótico¹, que consiste na maneira como os sinais são usados para transmitir um significado, especialmente através dos diferentes modos, se torna mais significativo e com maior potencial comunicativo quando combinados entre si. Dionísio (2014, p.161) enfatiza que a multimodalidade é um traço constitutivo do texto falado e escrito, para tanto fundamenta sua afirmação considerando quatro pressupostos:

- As ações sociais são fenômenos multimodais;
- Gêneros textuais orais e escritos são multimodais;
- O grau de informatividade visual depende dos gêneros textuais da escrita se processa num contínuo;
- Há novas formas de interação entre o leitor e texto, resultante da estreita relação entre discurso e as inovações tecnológicas.

Em geral, entende-se que o termo multimodalidade abrange diferentes práticas, métodos, mídias e diálogos compreendidos tanto em sala de aula quanto fora dela. As tecnologias permite misturar diferentes mídias e abordagens pedagógicas, como por exemplo os vídeos, a lousa, a lousa digital, os *softwares*, as páginas na internet com hiperlink, as dinâmicas em grupo, a oralidade, a escrita, a transparências, entre outros. Trazendo para o contexto deste estudo, há um entendimento de que o vídeo possa apoiar a aprendizagem de um maior número de pessoas, devido ao seu caráter multimodal, multisemiótico. O vídeo é um meio que permite a análise da multimodalidade desde a linguagem falada, até os gestos, elementos do cenário, vestes, imagens, bem como a trilha sonora utilizada.

O uso de vídeo na educação

Ao longo dos anos, o vídeo vem conquistando espaço diante de um público que vem se tornando, cada vez mais, exigente. O vídeo como recurso didático, além de ganhar espaço como um importante meio de comunicação e de informação, pode, ainda, propiciar um largo poder de análise geral: de conteúdo, de linguagem, de valores e estéticos. Observa-se, pelo seu caráter multimodal, que o vídeo é bastante apropriado para fins pedagógicos.

O vídeo, mais do que uma mídia, pode se tornar um bom material pedagógico, se muito bem planejado e usado com segurança para mediar o conteúdo didático adquirido, de maneira adequada proporcionando resultados significativos, se usado a partir de um planejamento pedagógico, pode trazer grandes benefícios à aprendizagem do aluno.

Moran (1995, p. 27) faz uma interpretação das contribuições relacionadas à probabilidade de utilização dos vídeos para o ensino de um modo geral, relatando como imagens e músicas podem aguçar sentimentos:

O vídeo é sensorial, visual, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí sua força. Somos atingidos por todos os sentidos e de todas as maneiras. O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário), em outros tempos e espaços.

¹ Semiótico consiste na maneira como os sinais são usados para transmitir um significado, especialmente através dos diferentes modos. (Walsh, 2011).

A partir da observação de práticas aplicadas em sala de aula, Moran observa algumas formas de trabalhar com vídeo em sala de aula, Moran (1995, p. 39) e as categoriza como formas inadequadas do uso de vídeo em sala de aula (Quadro 1) apontando, inclusive, o contexto em que elas são aplicadas. A partir desse reconhecimento, Moran, considerando a riqueza do vídeo, aponta 4 propostas, as quais ele julga adequadas para o trabalho com o vídeo, as quais passam inclusive pela motivação do estudante para a aprendizagem (Quadro 2).

Quadro 1: Diferentes formas de uso inadequado do vídeo

USO INADEQUADO DO VÍDEO EM AULA	
Vídeo tapa-buraco	Utilizar desses recursos quando aparecer algum problema inesperado.
Vídeo enrolação	Apresentar um vídeo sem a devida ligação com a matéria proposta.
Vídeo deslumbramento	O educador descobre esse novo recurso e utiliza do mesmo em todas as aulas.
Vídeo perfeição	Acredita que todos os vídeos possuem problemas técnicos, não utilizando o recurso.
Só vídeo	Utiliza o recurso sem depois propor atividades, não extraindo do mesmo algo para interagir com a matéria

Fonte: Adaptado de Moran (1995, p.39)

Quadro 2: Diferentes formas de uso do vídeo

PROPOSTA DE UTILIZAÇÃO DO VÍDEO	
Vídeo como sensibilização	Aquele que introduz um novo assunto para despertar a curiosidade. Ele motiva pesquisas que podem ser pedidas para aprofundar o tema.
Vídeo como ilustração	Ajuda a mostrar o que se fala em aula, apresentando cenários desconhecidos dos alunos. Por exemplo, um vídeo que exemplifica como eram os romanos na época de Júlio César.
Vídeo como simulação	Pode simular experiências de química que seriam perigosas em laboratório ou exigiriam muito tempo e recurso. Um vídeo pode mostrar, por exemplo, o crescimento acelerado de uma árvore (da semente à maturidade) em poucos segundos.
Vídeo como conteúdo de ensino	Apresenta um tema específico, e orienta a sua interpretação, com dados e explicações, como documentários.

Fonte: Adaptado de Moran (1995, p.39)

As contribuições sugeridas por Moran (1995), conforme Quadro 2, são de grande importância, pois orienta o docente a utilizar o vídeo como material didático com êxito em sala de aula, ajudando os alunos na construção do conhecimento. Para que isso aconteça, é necessário um planejamento de aula para a aplicação do vídeo com intenção pedagógica. A intenção deste trabalho não é oferecer um método pronto para aplicação; e, sim, indicar formas de análise de estudo para seu propósito. Primeiramente, cabe ao professor pesquisar, procurar meios de aplicação desse recurso vídeo e ver qual meio ele consegue alcançar.

As classificações propostas por Moran (1995), servem de alerta para que não se exibam vídeos com muita frequência, para que haja discussão após a aplicação do vídeo, para selecionar o momento certo da aula em que vai exibir o vídeo e para que haja relação entre o conteúdo a ser trabalhado e a temática do vídeo. Já relacionado ao uso adequado dos vídeos, Moran aconselha iniciarmos a aula utilizando vídeos mais simples e depois ir aumentando o grau de dificuldade fazendo com que os alunos não se sintam desapontados.

Para Ferrés (1996, p.40), “a tecnologia do vídeo oferece grandes possibilidades de realizar atividades didáticas, nas quais não contam tanto a qualidade do produto, mas o trabalho realizado, o processo desenvolvido”. O que fará a diferença, deixando a aula mais densa, será a forma como o professor vai desenvolver a aula com o vídeo, a forma como ele vai explorar o conteúdo presente no vídeo e o conteúdo da disciplina, ou seja, é o trabalho a ser realizado depois de se assistir ao vídeo. Ferrés (2001, p.156) também destaca que o vídeo é um meio de comunicação e um meio de ensino, primeiro porque o vídeo é um meio de comunicação, a partir do qual pode ser analisado a sua linguagem e sua qualidade técnica, e, segundo, porque o vídeo é um meio de ensino, a partir do qual se pode aprender conteúdo e valores.

Destacando a importância do vídeo, Masetto (2007, p.144) informa que “a ênfase não pode ser dada à tecnologia, ou seja, ao recurso didático: sua relevância está condicionada à possibilidade de ser adequada para facilitar o alcance dos objetivos”, ou seja, dos objetivos pedagógicos. Analisando por esse pressuposto, a adoção das novas TIC, como recurso didático, se juntariam com os recursos clássicos utilizados pelo professor, como, por exemplo, a lousa, o giz e o livro didático. Para isso, o professor precisa ter clareza em seu planejamento, na escolha dos meios, das ações e estratégias de ensino e no modo de articular essas diferentes tecnologias de forma a satisfazer a tão desejada mediação pedagógica.

Algumas pesquisas dizem que “vídeos [...], entre outros, transformam a realidade da aula tradicional, dinamizam o espaço de ensino – aprendizagem” (Kenski (2008, p.46). Cinelli (2003, p. 37) afirma que a utilização de recursos audiovisuais deve ser planejada com antecedência e nunca improvisada. Na prática, para que isso ocorra, é importante que o docente priorize o planejamento e evite o uso nas formas percorridas no quadro 1 por Moran. Podemos ressaltar as diferentes formas inadequadas do uso do vídeo em sala de aula, em que ele aponta: o vídeo como tampa buraco: utilização do vídeo quando há um problema inesperado, como a ausência do professor; o vídeo como enrolação, momento em que o vídeo exibido não tem muita ligação com a matéria proposta; o vídeo deslumbramento, o professor passa o vídeo em todas as aulas, diminuindo assim a eficácia e empobrecendo a aula; o vídeo perfeição, que são questionados pelo professor porque possuem defeitos de informação ou estéticos; e o vídeo só vídeo, não utilizando o vídeo para nenhuma atividade, nenhuma discussão.

O professor deve caracterizar e delimitar bem aquilo que, dentro do razoável, pretende que seus alunos aprendam. Escolher, então, os recursos audiovisuais mais apropriados ao caso e dos quais possa dispor. Estudar esses recursos, a forma e o momento de sua aplicação. Ao trabalhar com vídeo, o professor tem condições de evidenciar e explorar a inteligência do aluno, a autoestima, a inteligência cinestésica, sobretudo, por seu caráter multimodal.

Estilos de aprendizagem

Considerando o caráter multimodal do vídeo, considerando os usos que dele se pode realizar em ambiente de ensino, destaca-se que tal recurso pode atender à diversidade de uma sala de aula, uma vez que esta nunca é homogênea, que os discentes são sempre diferentes e, por isso, aprendem também de forma diferente. Dessa forma, o professor, pressupondo que há vários estilos de aprendizagem, pode explorar o vídeo como um recurso que atenda às necessidades de uma maior gama de alunos concomitantemente. Reconhecendo esta situação, objetiva-se agora realizar uma reflexão sintética sobre os estilos de aprendizagem.

Cada ser humano tem uma forma de aprender, a que se chama de estilo de aprendizagem. E considerando que a pessoa aprende de diversas formas ou estilo, concebeu-

se as inteligências múltiplas são as competências que se pode aplicar para aprender alguma coisa alcançando objetivos.

Segundo Gardner (1994, p. 340), “a teoria das inteligências múltiplas sugere abordagens de ensino que se adaptam às ‘potencialidades’ individuais de cada aluno”. As pessoas aprendem melhor quando participam de estratégias centradas no estilo a que pertencem ou ainda quando participam de atividades em que se exploram vários estilos concomitantemente, conforme o Quadro 3:

Quadro 3: Estilos de aprendizagem

Pelo estilo	A pessoa aprende
Visual	Vendo, olhando, observando (1)
Auditivo	Ouvindo (2)
Cinestésico	Com estímulos táteis, movimentos corporais (3)
Artístico	Desenhando, pintando, cantando, dramatizando (4)
Visual-auditivo	1+2
Visual-cinestésico	1+3
Visual-artístico	1+4
Auditivo-cinestésico	2+3
Auditivo-artístico	2+4
Cinestésico-artístico	3+4
Visual-auditivo-cinestésico	1+2+3
Visual-auditivo-artístico	1+2+4
Visual-cinestésico-artístico	1+3+4
Visual-auditivo-cinestésico-artístico	1+2+3+4

O estilo de aprendizagem visual parte do princípio de que, o aluno, é muito observador no conjunto e nos detalhes, dessa forma os alunos podem armazenar as descobertas e relacionar conhecimentos adquiridos anteriormente com novos conhecimentos. O estilo de aprendizagem auditivo permite perceber com maior nitidez e facilidade dados vinculados ao som, tais como o volume, a tonalidade, o vocabulário, os ruídos, conversas, entre outros, quer dizer que, uma pessoa auditiva presta mais atenção naquilo que está sendo dito. Se o professor utiliza recursos auditivos fazendo uma apresentação, o aluno que tem esse estilo de aprendizagem vai se concentrar e processar sua aprendizagem. Considerando a aprendizagem do estilo cinestésico, observa-se que o indivíduo que a tem explora a capacidade de propagar ideias e sentimentos utilizando a expressão corporal. As pessoas que possuem esse tipo de aprendizagem tendem a produzir e transformar coisas, além de grande destreza, força, flexibilidade, equilíbrio e velocidade.

A partir dessas ideias relacionadas à diversidade e ao estilo de aprender, acredita-se que utilizar a tecnologia em sala de aula ajuda o aluno a criar oportunidades para fazer escolhas como aprender. Assim eles podem aproveitar os pontos fortes de seus estilos de

aprendizagem. O uso do vídeo pode ajudar os alunos a desenvolverem sua capacidade cognitiva e aprender o conteúdo em pauta de uma forma que desperte seus talentos e interesses, porque o vídeo, em seu formato, não explora uma forma de aprendizagem. O vídeo, por seu caráter multimodal, uma vez que explora a linguagem verbal – oral ou escrita, em caso de legenda – a imagem, as cores, os corpos, os fatos, é um recurso cinestésico, ou seja, explora as várias formas sensoriais humanas.

O vídeo é um material didático que explora a multimodalidade uma vez que é capaz de atender as necessidades dos estudantes em um aspecto mais amplo, no vídeo pode aprender consideravelmente aqueles que tem inteligência auditiva, visual ou cinestésica. Se o vídeo for bem explorado, ele pode ser um recurso muito bem aproveitado, visto que envolve pessoas diversas, contemplando pessoas que aprendem de formas bem diferentes.

Aprendizagem significativa

Dentro do ambiente de ensino é importante pensar a aprendizagem significativa, pois é partir dela que as ideias manifestadas metaforicamente se relacionam de forma substantiva e não-arbitrária com aquilo que o aluno já sabe. Substantiva quer dizer não-literal, não ao pé-da-letra, e não-arbitrária significa que a interação não é com qualquer ideia prévia; mas, sim, com algum conhecimento especificamente relevante já existente na estrutura cognitiva do sujeito que aprende (Ausubel, 1963).

O referido teórico explica que “a aprendizagem significativa é o mecanismo humano, por excelência, para adquirir e armazenar a vasta quantidade de ideias e informações representadas em qualquer campo do conhecimento” (idem, ibidem, p. 58). Como a escola brasileira ainda é bastante tradicional no que se refere às formas de ensinar, valoriza-se ainda a memorização, a repetição mecânica das informações, é preciso pensar e promover formas de aprender no padrão em que defende Ausubel.

O uso do vídeo, enquanto recurso didático, pode dar maior significado ao que é transmitido nos campos teórico e prático, pois a experiência indica que aprendizagem é significativa quando também se explora de forma cinestésica a percepção humana. Além disso, a partir do vídeo, pode se desenvolver outras estratégias a partir das quais os estudantes participam de forma mais atuante, extrapolando apenas uma percepção sensorial, como a participação ativa, a capacidade crítica, a conduta ética, a iniciativa, a criatividade, a comunicação; habilidades que contribuem para potencializar a construção do conhecimento e para a convivência em sociedade.

O docente é o responsável por fazer com que o maior número de informações possíveis circulem de forma não arbitrária. Quanto maior a capacidade de relacionar essas habilidades, mais consistente será o conhecimento. Para isso, o vídeo pode contribuir substancialmente, reforça-se, pois ele atinge o estudante de várias maneiras uma vez que explora várias linguagens.

Metodologia

Este estudo trata de uma intervenção pedagógica com uma proposta de uso do vídeo como recurso didático no curso integrado Técnico em Artesanato modalidade PROEJA. Foi trabalhado nesse projeto uma perspectiva interacionista, baseada nas ideias de Paulo Freire que pressupõe a ação do estudante na construção do conhecimento estimulada a partir da leitura crítica de conteúdos veiculados pela mídia: vídeo.

Trajetória metodológica

Iniciar a aula com a apresentação do professor e dos alunos;

Fazer perguntas orais para levantar o conhecimento prévio que os alunos têm em relação a palavra sustentabilidade e fazer anotações no quadro, com perguntas tais quais: o que você entende sobre sustentabilidade? Será que algum dia iremos mudar nossos hábitos com relação ao nosso planeta? Vamos pensar nisso!!

- Apresentar o primeiro vídeo selecionado para apresentação que foram retirados da internet; O primeiro a ser exibido será Sustentabilidade, do discurso à prática. (<https://www.youtube.com/watch?v=3WakTL1-mWc>) com duração de 07:52.
- Iniciar uma breve discussão sobre o vídeo e recapitular os conceitos construídos.
- Passar o segundo vídeo com o tema Sustentabilidade, o planeta pede socorro: (<https://www.youtube.com/watch?v=PWPidZDSkqw>), que terá duração de 06:12.
- Após a exibição do segundo vídeo, iniciar uma discussão perguntando se o entendimento de sustentabilidade ficou claro, se, no dia a dia dos alunos, eles conseguem identificar nos vídeos alguma ação que eles fazem para cooperarem com o meio ambiente.
- Iniciar as discussões falando que a sustentabilidade é um desafio urgente que tem que ser encarado com dedicação, para que nossas gerações possam usufruir de um planeta mais limpo, verde e economicamente sustentável (esse será um conceito recapitulado na exibição do primeiro vídeo).
- De acordo com os conhecimentos adquiridos, demonstrar através da conversa, exemplos de cidades que se preocupam com o meio ambiente e trabalham em mudanças que ajudam o meio ambiente;
- Mostrar um PowerPoint dicas de como economizar no dia a dia e mostrar as cores dos recipientes de coletas multiseletiva;
- Distribuir para os alunos um texto que deverá ser lido em sala de aula para, após a leitura, iniciarmos uma atividade na qual eles terão a oportunidade de relacionar o conhecimento adquirido com a exibição dos vídeos, a leitura do texto e da apresentação do powerpoint. Esta atividade conterá 6 questões que serão lidas pelo professor, e deverão ser respondidas pelos alunos em sala de aula e individualmente.
- Inserir um novo vídeo “a teoria das coisas”: <https://www.youtube.com/watch?v=7qFiGMSnNjw>, com duração de 21:18;
- Finalizar a matéria.

Análise dos resultados

No que se refere à interação professor e aluno, observa-se que o professor não transmite apenas informações ou faz perguntas, ele também deve ouvir os alunos, indagá-los e promover a sua participação. Ainda que o professor necessite atender um aluno especial ou que os alunos trabalhem individualmente, a interação deve estar voltada para a atividade de todos os alunos em torno dos objetivos e do conteúdo da aula Libâneo (1994, p. 251).

A percepção da mídia enquanto recurso educativo proporciona a compreensão de conteúdos programáticos indispensáveis à formação dos alunos e como é um recurso da vida cotidiana, pois os alunos veem vídeo nas diversas mídias em sua vida privada, a sua utilização vídeo, em sala de aula, pode promover a aproximação dela aos ambientes com os quais ele está acostumado. Tal aproximação inclusive pode desconstruir a ideia de sala de aula tradicional em que o professor fala e o aluno escuta. Deve-se, é claro, tomar cuidado para que o vídeo não seja enfadonho e não tenha função de qualificar o aluno. Planejando na qualificação do aluno, o vídeo é um recurso eficiente, porque pode chamar a atenção do aluno de imediato, pode trabalhar conceitos e a partir do debate e da promoção da discussão realizada pelo professor, é possível promover a interação e, por conseguinte, é possível promover o conhecimento. Nesse sentido, o professor tem um papel muito importante, que é orientar os seus alunos ensinando-os a ler o vídeo e saber utilizá-lo a seu favor. De acordo com o planejado e com o relato da aula, tentou-se evidenciar as atividades de interação entre os alunos e o professor, de construção de conceitos.

Com a regência em sala de aula, percebeu-se, depois de se ter levantado o conhecimento prévio dos alunos, depois de se ter assistido aos vídeos, depois do debate, solicitou-se que eles – os alunos – formassem, por escrito, o conceito de sustentabilidade. É possível observar também que a aula, a partir da reflexão dos conteúdos dos vídeos, contribuiu para a formação dos estudantes, pois eles foram capazes de analisar imagens e descreverem com suas palavras à luz do que foi estudado questões relacionadas à temática sustentabilidade. A proposta de exercício era que eles discorressem o que estava representado nas imagens, correlacionando com sua realidade pessoal.

De acordo com o posicionamento dos estudantes, observa-se a formação de uma consciência social e ambiental, uma preocupação com os modelos de gestão dos resíduos e com a aplicabilidade dos conceitos estudados. Tal posicionamento foi resultado do trabalho realizado em sala de aula a partir do uso do vídeo, como recurso didático. Destacamos que as questões foram subjetivas, nas quais os alunos puderam responder da maneira que achasse necessário. E a partir das respostas dadas podemos concluir que os alunos conseguiram refletir com mais objetividade sobre o assunto e que foram estimulados, inclusive, pelo conteúdo dos vídeos que exploravam o assunto sustentabilidade.

Moran (2008, p. 98) cita que o vídeo combina a dimensão espacial com a sinestésica, ritmos rápidos e lentos, narrativas de impacto e de relaxamento. Combinam a comunicação sensorial com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. A integração começa pelo sensorial, o emocional e o intuitivo, para atingir posteriormente o racional. Pelas respostas apresentadas pelos alunos, é possível observar que os alunos conseguiram alcançar um nível de racionalidade em relação ao assunto sustentabilidade tanto é que apontam que a falta de uma política pública organizada para separar o lixo “o governo não faz a coleta seletiva”.

Trazendo ainda a perspectiva de Moran (1995), os resultados deste projeto interventivo mostraram que o vídeo, conforme plano de aula utilizado, apresentou tema específico, orientando a sua interpretação com dados e documentários, o vídeo em alguns momentos, serviu para a apresentação do conteúdo específico de ensino, contudo pode ainda mobilizar a sensibilidade dos estudantes para o problema, conforme se verifica nos registros deles, a partir de seu caráter multimodal, uma vez que as imagens apresentadas puderam extrapolar o discurso na formação para a construção de uma nova conduta relacionada à sustentabilidade. Vale ressaltar também que a discussão em sala de aula iniciou de forma tímida, e com a mediação da discussão, depois de assistir aos vídeos, os alunos ficaram mais à vontade para se posicionar, para questionar e, por fim, afirmaram que o uso do vídeo como material didático foi de grande valia para compreender melhor o conteúdo estudado e deixá-los mais tranquilos diante dos conceitos que deviam assimilar, por exemplo, o de sustentabilidade, o de consumo e de consumismo.

Conclusão

Neste Projeto Interventivo, buscou-se expor sobre o uso e as implicações do recurso tecnológico “vídeo” como ferramenta pedagógica eficiente no processo ensino aprendizagem. Incluir o vídeo na prática pedagógica não é uma tarefa fácil, mas para que o vídeo não se torne um trivial instrumento transmissor de informação ou um tapa-buraco para ausência de professores ou para a falta de planejamento, como se observa é necessário planejamento, que vai desde o conhecimento prévio do vídeo pelo professor, passando pela promoção do debate, pela organização das atividades escritas, pelo estímulo à participação, pela provocação do estudante para que ele se posicione criticamente em relação às ideias veiculadas nos vídeos e,

a partir disso construa o conhecimento e, quando for o caso, forme uma consciência política acerca do assunto estudado.

O objetivo deste estudo foi realizar um projeto interventivo com o uso de vídeo como recurso didático para demonstrar que o vídeo, se bem trabalhado, pode ser considerado um recurso didático excelente, apoiando os processos de ensino e aprendizagem na educação profissional, incluindo, especificamente, apontar o uso do vídeo como recurso didático apoiando o processo de ensino-aprendizagem, através desse projeto conseguimos realizar a intervenção pedagógica mediada pelo uso vídeo e analisar as vantagens e desvantagens do seu uso como recurso didático.

Foi notório que, com o estudo da aplicação do vídeo na turma em que foi regida a aula, surgiram novas formas de repensarmos a estratégia de utilização do vídeo em sala de aula como recurso didático. A mídia vídeo, como recurso didático, possibilitou a compreensão de conteúdos programáticos indispensáveis à formação do aluno como cidadão, visto que contempla a construção e a socialização de muitos conhecimentos, promovendo a participação dos estudantes na aula e, espera-se, na sociedade, a partir de projetos coletivos, sociais e ou individuais. Possibilitou a colaboração, troca de ideias e dos conhecimentos adquiridos. Observa-se, conforme orienta Moran (1995, p.39), que o vídeo sensibilizou os estudantes para aspectos relacionados ao lixo, à sustentabilidade, ao consumo, às reservas naturais, ao comportamento humano na sociedade; pode simular uma situação que é vivida na realidade e sobre a qual não se pensa e não se analisa, serviu de ilustração de situações relacionadas ao desperdício, ao lixo, ao consumo, contribuiu para a formação de conceitos e também cooperou na construção do conhecimento que está previsto na grade curricular do curso, ou seja, do conteúdo. Concluiu-se então que a possibilidade de se aliar as tecnologias ao ensino pode amparar e promover um estudante mais autônomo, de modo a se responsabilizar por sua aprendizagem, contribuindo para a formação de um profissional mais preparado para o mercado de trabalho e para a vida.

Referências

- AUSUBEL, D. P., Novak, J. D., Hanesian, H. *Psicologia educacional*, Rio de Janeiro. Editora: Interamericana.1980.
- AUSUBEL, D.P. *A psicologia da aprendizagem verbal significativa*. Nova Iorque. Grune e Stratton. 1963.
- AUSUBEL, D. P. *Algunos aspectos psicológicos de la estructura del conocimiento*. Buenos Aires: El Ateneo, 1973.
- BANDEIRA, Denise. *Material didático*. Editora IESDE: cidade Curitiba. 2009.
- BARBOSA, E. F.; MOURA, D. G. de. Metodologias ativas de aprendizagem na educação profissional e tecnológica. *B. Tec. Senac*, Rio de Janeiro, v. 39, n.2, p.48-67, maio/ago. 2013.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em redes: do conhecimento à ação política*. 2005.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Capinas. Unesp, 2002.
- CINELLI, Nair Pereira Figueiredo. *A influência do vídeo no processo de aprendizagem*. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção-UFSC, 2003. 73 f. Dissertação de Mestrado.
- DIONÍSIO, A. P. Gêneros multimodais e multiletramento. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO K. Sie- beneicher (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 3. Ed. ver. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

- FERRÉS, Joan. *Vídeo e educação*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. 156 p.
- FERRÉS, Joan. Pedagogia dos meios audiovisuais e pedagogia com os meios audiovisuais. In: SANCHO J. Maira (Org). *Para uma Tecnologia Educacional*. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.
- GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: A teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- KENSKI, V.M. *Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007
- KALINKE, Marco Aurélio. *Para não ser um professor do século passado*. Curitiba: Gráfica Expoente, 1999
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- MARTENDAL, A. Gorges; SANTOS, L. “Contribuições da logística reversa para a sustentabilidade”. Disponível em: http://www.simpoi.fgvsp.br/arquivo/2014/artigos/E2014_T00227_PCN14799.pdf. Acesso em: 30/01/2017.
- MASETTO, T. Marcos. “Mediação Pedagógica e o uso da tecnologia”. In: MORAN, José Manuel; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 16 ed. Campinas (SP): Papirus, 2007.
- MORAN, José Manoel. *Os meios de comunicação na escola*. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/c_ideias_09_021_a_028.pdf. Acesso em: 03 de outubro de 2016.
- MORAN, José Manoel. *O vídeo na sala de aula* - Artigo publicado na revista Comunicação & Educação. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995. Disponível em: http://extensao.fecap.br/artigoteca/Art_015.pdf
- MORAN, José Manuel. *Desafios da televisão e o vídeo à escola*. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2002/tedh/tedhtxt2b.htm2>. Acesso em: 03 outubro de 2016.
- MOREIRA, M. A. Aprendizagem significativa: um conceito subjacente. Porto Alegre: 2011, v.1(3), pp. 25-46.
- NÓVOA, António. *Professores: imagens do futuro presente*. Lisboa: Educa, 2009.
- SANTOS, Annie Rose; NASCIMENTO, Elvira Lopes. *A webconferência como instrumento de ensino-aprendizagem nos cursos à distância*. In: IV Encontro Nacional de Hipertexto e Tecnologias Educacionais. Universidade de Sorocaba - 26 e 27 de setembro de 2011. Disponível em: http://www.uniso.br/ead/hipertexto/anais/11_AnnieSantos.pdf. Acessado em 15 de dezembro de 2016.
- SELWYN, Neil, *O uso das TIC na educação e a promoção de inclusão social: uma perspectiva crítica do Reino Unido*. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 29, n. 104. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v29n104/a0929104.pdf>. Acesso em: 06 novembro de 2016.
- SOUZA, C. S.; IGLESIAS, A. G.; PAZIN-FILHO, A. Estratégias inovadoras para métodos de ensino tradicionais – aspectos gerais. *Revista da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto*

e do Hospital das Clínicas do FMRP. Ribeirão Preto, São Paulo, v. 47, n. 3, c. VI. Julho de 2014.

ROJO, Roxane. MOURA, Eduardo. *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012.

VASCONCELLOS, Celso S. *Planejamento: Projeto de Ensino- Aprendizagem e projeto Politico Pedagógico*. 9 ed. São Paulo: Libertad. 2000.

WALSH, M. *Multimodal Literacy: Researching classroom practice*. Australia: Primary English Teaching Association (e:lit), 2011.